
AS MÍDIAS IMPRESSAS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO 1991 A 2010

Guaracira Gouvêa de Souza ^(*)

APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados e discussões do estudo realizado acerca dos trabalhos apresentados nas reuniões anuais da Associação nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (Anped), no Grupo de Trabalho – GT-16, denominado Educação e Comunicação, no período de 1991 a 2010, como parte da comemoração dos 20 anos deste GT e que tinham como objeto de investigação as mídias impressas.

Para obtermos o corpus a ser analisado consultamos os arquivos construídos pela Anped nestes anos que são o conjunto dos dados de cada reunião anual realizada, disponibilizados no CD *25 anos da Anped*¹, neste obtivemos as informações de 1991 a 1999, e o conjunto de informações a partir de consulta ao portal da Anped, no período de 2000 a 2010.

O conjunto de informações versa sobre diversas formas de comunicações que são apresentadas nas reuniões anuais da Anped, tais como sessões especiais; trabalhos encomendados; minicursos; trabalhos completos e pôsteres. Desta consulta pudemos obter autores, instituições a que pertencem, textos completos e resumos de cada um desses tipos de comunicações, além de informações gerais sobre organização geral de cada reunião. Além dos dados guardados pela Anped, lemos dois textos fundamentais para a história do GT, elaborados em 1995 e 2009 por dois de membros históricos do GT-16, respectivamente a professora Maria Felisminda de Resende e Fusari e pelo professor Nelson Pretto, esses textos abordam aspectos voltados, principalmente, para as diretrizes teóricas dos trabalhos e para a adoção de diferentes enfoques teóricos para a área, mas o que considero mais importante é a de inserir a história do GT-16 no movimento das políticas, sejam as públicas ou dos movimentos sociais. Apresentam, também, uma agenda de pesquisa, focando, em cada momento, questões para a área.

^(*) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro – UniRio. E-mail: guaracirag@uol.com.br.

¹ Anped 25 anos – CD ROM Comemorativo foi organizado na gestão da professora Nilda Alves, presidente da Anped e foi distribuído na 24ª Reunião Anual como parte da comemoração dos 25 anos da Anped. Nestes constam informações sobre as reuniões anuais de 1986 a 2001.

Ao consultarmos o banco de dados da Anped sobre as reuniões anuais selecionamos os textos, em qualquer forma de apresentação, que faziam alguma referência às mídias como livro, fotografia, história em quadrinhos, jornais e revistas, no período de 1991 a 2010. A fotografia foi considerada quando estivesse compondo o texto de alguma das mídias em questão.

Ao longo desse período, tendo como referência o conjunto de textos completos aos quais tivemos acesso, podemos informar que foram apresentados: um trabalho sobre história em quadrinhos (2007); dois trabalhos sobre livro (2010, 1998); quatro sobre fotografia (2006, 2004, 2000, 1998); 13 sobre jornais (1994, 2005, 2006, 2007, 2009 e 2010) e nove sobre revistas (1994, 1996, 1998, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009). Observa-se que os jornais são os mais estudados e em 2009 tivemos quatro trabalhos dedicados a essa mídia. Não há trabalhos encomendados e nem trabalhos das sessões especiais sobre essas mídias, pois esses espaços são de problematizações teóricas ou metodológicas mais amplas, não estando voltados para um determinado objeto material, mas causa estranheza não haver nenhum minicurso voltado para a mídia impressa.

Depois desse olhar de varredura, nos detivemos na leitura dos trabalhos completos que versam sobre pesquisas já concluídas, esses caracterizam as pesquisas realizadas pelo grupo e foram consideradas relevantes e consistentes do ponto de vista teórico e metodológico ao serem selecionados para a publicação nos anais das reuniões anuais da Anped.

CONDUÇÃO DO ESTUDO

A comunicação humana só é possível quando existe um campo de experiência comum entre comunicador e receptor que alimenta o jogo da comunicação, isto é existe um repertório cultural comum entre esses autores sociais. Esse campo de experiência estaria fundamentado no compartilhamento de elementos das culturas do receptor e do produtor nas mensagens veiculadas por um meio de comunicação. Ao pensarmos a comunicação de massa, estamos considerando que esta tem categorias de mensagens com determinadas intencionalidades para cada meio de comunicação, elaboradas tendo em vista um consumidor/leitor virtual; as intencionalidades são explicitadas por meio da linguagem característica da mídia, objeto cultural que veicula o texto verbal e imagético (livro, TV, jornal, revista, computador, gravura, cartaz, folheto, panfleto, etc.), impresso ou gravado no veículo suporte, entendido como o meio material onde o texto escrito e imagético é produzido ou reproduzido (papel, tela, acetato, couro, fita magnética, meio digital).

Neste trabalho, a mídia é a impressa, constituída de imagens e textos escritos fixos, gravados no suporte papel e que cada leitor acessa as informações de forma individual e estamos

considerando que estas são constituídas por estruturas que estabeleçam relações entre imagem e texto verbal escrito. Nesse sentido, nosso olhar para os artigos voltou-se para a caracterização dos modos semióticos constitutivos dos textos de diferentes mídias com suas linguagens específicas e ainda buscamos apontar como esses sistemas medeiam a relação entre os produtores e leitores de textos em contextos sociais diversos em suas produções de sentido.

Ao percorrermos o conjunto de trabalhos completos, formado por 259 trabalhos apresentados no GT-16 no período estudado, por meio da leitura dos títulos e resumos, os separamos em três grupos: os que estavam tratando do texto verbal escrito e ou das imagens fixas; os que estavam tratando das imagens em movimento e os que “as pesquisas estavam voltadas para uma reflexão mais teórica sobre a nossa própria temática”. (PRETTO, 2009, p. 29). O nosso foco se voltou para o primeiro grupo, constituídos por trabalhos que tinham como objeto de estudo os livros, as revistas, as fotografias, os jornais, história em quadrinhos e analisamos esse conjunto que estamos denominando trabalhos empíricos ao \problematizarem as formas de produção, circulação, recepção por meio da materialidade da mídia estudada.

O conjunto a ser analisado ficou formado por 29 trabalhos, realizamos a leitura, na íntegra, de todos eles e elaboramos uma tabela com os seguintes itens nas colunas: ano, número da reunião; autores; instituições; objeto; enfoques teóricos e teóricos abordados, procedimentos metodológicos e considerações. A partir da leitura desses dados separamos os trabalhos em dois grupos, independentemente da mídia estudada, o primeiro formado por trabalhos cujo foco estava na especificidade da linguagem da mídia em questão, expressas no artigo pelo uso da materialidade dos elementos constitutivos dessa linguagem e o segundo com foco na produção de sentidos por leitores em contextos educacionais de leitura. O primeiro grupo denominamos *Produção – Materialidade e Documento* e o segundo *Produção de Sentidos e Leitura*. Depois de organizarmos esses dois grupos, reagrupamos os trabalhos dentro de cada conjunto tendo como referência as categorias que elaboramos a partir da leitura dos trabalhos e de nossas opções teóricas sobre linguagem e leitura.

As categorias abordadas no primeiro grupo são: *Materialidade e Linguagem*, quando o pesquisador escolhia como objeto uma mídia e analisava seus marcadores discursivos, elaborando múltiplos sentidos; *Materialidade, Linguagem e Representações*, quando os marcadores discursivos eram considerados para traçar formas de representação de sujeitos; *Materialidade, Linguagem e Sujeitos* quando os marcadores discursivos constituíam processos de subjetivação e de identidades; *Materialidade, Linguagem e Escola* quando se problematizava a inserção do gênero jornalístico nas práticas cotidianas escolares. *Materialidade, Linguagem e Informação*, quando o objeto de estudo

era um periódico científico. No segundo grupo, agrupamos os trabalhos a partir das categorias: *Produção de Sentidos e Juventude*, quando se analisa a produção de sentidos por jovens em suas relações com as mídias e *Produção de Sentidos e Educação*, quando se analisava a produção de sentidos com educadores e jornalistas em suas relações com as mídias.

A escolha por esses dois grupos se deu tendo como referência o meu olhar sobre as mídias impressas, um dos múltiplos olhares possíveis; constituído e constituinte em minha história cultural por meio de minhas práticas sociais de produzir uma revista e de elaborar exposições em museus, desta forma sempre esteve presente em minhas reflexões as especificidades da linguagem de cada mídia em sua produção e a produção de sentidos por leitores em suas interações com as mídias.

A apresentação² das minhas leituras, umas entre muitas que poderão existir, sobre os trabalhos não será em ordem cronológica, mas agruparei os trabalhos nos dois grandes grupos citados e em cada grupo por mídia, devido às especificidades de cada linguagem, dentro das categorias elaboradas. Optei por apresentar de forma sucinta cada trabalho, dentro de seu respectivo grupo, explicitando, objeto, opções teóricas e metodológicas, resultados e considerações, para explicitar os elementos empíricos, base para a minha análise e possibilitando aos leitores deste trabalho fragmentos desses dados utilizados, mesmo reconhecendo que meu olhar foi o que orientou a produção dos fragmentos.

NOSSAS LEITURAS

Produção – Materialidade e Documento

Os seres humanos em suas práticas sociais produzem cultura que em “seu sentido vasto remete aos modos de vida e de pensamento”. (CUCHE, 2002, p. 11). Isto significa que estamos abordando tanto a materialidade de objetos utilizados em nossos modos de vida, bem como na imaterialidade dos valores simbólicos constitutivos desses modos de vida e dos pensamentos. A cultura está associada ao mundo simbólico construído pelos sentidos que damos a nossas formas de viver.

Quando falamos em materialidade associamos ao tangível, ao que se pode tocar, juntar, guardar e conservar, o que documenta e assim se torna testemunho de uma época. Essa noção de materialidade nos leva a pensar em diferentes objetos que podem se tornar objetos de conhecimento

² Os trabalhos citados que constituem o corpus para minha análise não serão arrolados nas referências, mas os dados contidos no texto possibilitam fácil recuperação, por meio de consulta ao portal da Anped ou por meio da leitura do CD 25 da Anped.

ou não: cartas, mapas, moedas, vasos, livros, máquinas, instrumentos, fotografias, jornais, revistas e muitos outros.

Os objetos, em sua materialidade, encerram significados da ordem da infraestrutura³ – características, técnicas de fabrico e função; e da ordem da superestrutura – simbólicos. A materialidade dos objetos expressa as relações sociais de grupos, caracterizadas pelo modo de vida, isto é pelos gestos, objetos, rituais, hierarquias, desta forma esses objetos tornam-se fontes, documentos (POMIAN, 1985).

Nessa perspectiva é que estamos considerando a mídia impressa, documento e objeto material testemunho de uma época, cujas expressões simbólicas caracterizam as relações ideológicas de uma época e as relações de poder. Materialidade constituída de textos verbais escritos e textos imagéticos impressos em papel que indicam modos múltiplos de ler e de pensar a linguagem.

[...] aceitar o modelo saussuriano e seus pressupostos é o mesmo que tratar o mundo social como um universo de trocas simbólicas e reduzir a ação a um ato de comunicação que está destinado a ser decifrado mediante uma cifra ou código, uma língua ou uma cultura. Para romper com essa filosofia social é preciso mostrar que, embora seja legítimo tratar as relações sociais – e as próprias relações de dominação – como interações simbólicas, isto é, como relações de comunicação que implicam o conhecimento e o reconhecimento, não se deve esquecer que as trocas linguísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se analisam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos. (BOURDIEU, 1996, p. 19).

PAPEL JORNAL

Materialidade e Linguagem

Costa (1994), em seu trabalho *Jornalismo: controle de informação, conceito da notícia e a fetichização dos fatos*, aborda as formas de se produzir as notícias que geram formas de controle da informação, para nós isso caracteriza a formação discursiva do jornalismo, isto significa dizer que a produção do discurso jornalístico segue “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. (FOUCAULT, 1969, p. 38). Na mesma perspectiva de caracterizar a linguagem jornalística,

³ Pomian utiliza os termos infraestrutura e superestrutura elaborados por Gramsci (1966).

Almeida Filho (1995) em seu trabalho *E retórica e a neutralidade na elaboração da mensagem nos meios de comunicação de massa*, a partir da análise do Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan, apoiada em Barthes (1975), aponta-nos como esse manual por meio de argumentos retóricos instrui os jornalista a elaborar um texto na perspectiva da formação discursiva do jornalismo. “O manual da Jovem Pan só atesta que todas essas técnicas podem ser usadas de várias maneiras, manipuladas sob vários aspectos, pois aí é que se encontra o poder da linguagem. E a linguagem não é apenas uma forma de se exercer um poder. É também a possibilidade de se denunciar e questionar esse poder”. (ALMEIDA FILHO, 1995, p. 11).

Desta forma, como nos informa Orlandi (1988), a formação discursiva não é imóvel e fechada, relaciona-se com várias outras formações. “Na formação discursiva é que se constitui o domínio do saber que funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de informações (o que pode ser dito), e, ao mesmo tempo, como princípio de exclusão do não formulável”. (ORLANDI, 1988, p. 66). O manual orienta a produção de notícias e a fetichização dos fatos.

Materialidade, Linguagem e Representações

As representações sobre as professoras e professores apresentadas em fotos de jornais estudadas por Schmidt e Sabat (1998) no trabalho *Representações da Docência no Fotojornalismo*, com base nos estudos culturais, indicam que “a imprensa, através de jornais, revistas, periódicos especializados, constrói um discurso sobre dispositivos da educação como currículo, escola, avaliação, conteúdos. Em meio a tudo isso, a figura de professoras e professores é uma presença constante” (p. 6). As autoras, tendo como ponto para o olhar os indicadores empíricos da fotografia como pose e a mensagem linguística contida na legenda, ao analisarem as fotos, percebem que a imagem associada à legenda nos remete à ideia de que,

[...] quem gosta de brincar de bonecas, gosta de criança e quem gosta de crianças deve ser professora. As crianças que aparecem na foto são dois meninos e duas meninas com olhar dócil. As duas jovens, posicionadas por trás das crianças dão o sentido de proteção, de amparo, ao mesmo tempo, que reafirma o vínculo entre educação e infância. (SCHMIDT; SABAT, 1998, p. 6).

Trilhando o mesmo caminho teórico e metodológico dos estudos culturais e das representações e ainda se apoiando na análise de discurso inglesa de Fairclough, Pilotto (2000), no trabalho *A fabricação dos ídolos esportivos* apresenta suas análises e discussões acerca das representações de práticas corporais e esportivas em textos de dois jornais de publicação diária editados em Porto Alegre (RS) – *Correio do Povo* e *Zero Hora*, escolhendo textos que se referiam a Dunga e

Ronaldinho, atletas dos dois maiores clubes de futebol do Rio Grande do Sul – Internacional e Grêmio. A autora nos diz que “acompanhando a era Dunga e a era Ronaldinho, pode perceber como os(as) atletas são construídos como ídolos e tratados ao mesmo tempo como sujeitos e mercadorias, tomando o jornal como um produto cultural que não apenas veicula compreensões fabricadas nas práticas sociais, mas que participa dos processos constitutivos das significações e dos sujeitos” (p. 12).

Ainda na perspectiva de elaborar estudos sobre representações acerca de diferentes temas e sujeitos, construídas pela mídia impressa, o trabalho *As insustentáveis levezas dos discursos da mídia no Brasil: representações sobre ação afirmativa e universidade (2000-2006)* de Sales (2009), analisa editoriais e artigos de opinião sobre políticas de ação afirmativa (AA), em especial as cotas ou reservas de vagas em universidades públicas para afrodescendentes e para alunos oriundos de escolas públicas, publicadas pelo jornal *O Globo*. A pesquisa identificou, segundo a autora, dois discursos principais. Um que representa a opinião oficial do jornal que considera que as cotas deveriam ser sociais, pois no Brasil não existe racismo. O segundo discurso, veiculado por Miriam Leitão em sua coluna diária sobre economia. Para esta jornalista, o processo de miscigenação ocorrido no Brasil não elimina o racismo e que as AA são necessárias.

O jornal, nesse conjunto de artigos é abordado como objeto material, testemunho de uma época, cujas expressões simbólicas caracterizam as relações ideológicas de uma época e relações de poder e são constitutivas das significações e dos sujeitos. Nestes trabalhos, significações sobre as professoras, sobre as cotas e sobre os jogadores de futebol. Como podemos observar, as trocas linguísticas entre os editores dos jornais e seus leitores são relações de comunicação por excelência, também são relações de poder simbólico entre os locutores ou seus respectivos grupos (BOURDIEU, 1998), estabelecidas no jogo comunicacional entre o pesquisador-leitor e os editores.

Materialidade, Linguagem e Sujeitos

Universitários S/A: empreendedorismo e gestão dos talentos nas mídias contemporâneas foi o trabalho apresentado por Silva (2009), no qual busca compreender “como são constituídos sujeitos estudantes universitários pelos regimes de práticas que se movimentam nas tramas discursivas das capas do caderno Vestibular/ZH?” (p. 2). Para tal, analisa as capas de 20 edições do caderno de vestibular do *Jornal Zero Hora* entre julho de 2006 e julho de 2007. “Estratégias e táticas e noções de governo e governamentalidade foram ferramentas analíticas de Michel Foucault que lhe deram condições para visibilizar estes modos de constituição dos sujeitos universitários na contemporaneidade”. Para o autor, “o caderno Vestibular é um dos lugares que colocam em movimentação implicações entre os fazeres pedagógicos com as práticas administrativas contemporâneas, fazendo das mídias campos de visibilidade para esta trama”.

Ainda, “aponta que o sujeito universitário, nesse novo campo discursivo visibilizado nesta investigação, toma o lugar de um” empresário de si [...] possibilitando condições para a emergência de uma lógica empresarial na constituição dos sujeitos universitários” (p. 13).

Dando continuidade ao estudo apresentado acima, Silva e Fabris (2010), no trabalho *Os universitários como um público: educação, mídias e governamentalidade neoliberal*, estudam os modos de constituição dos sujeitos universitários como um público, entendendo público como Foucault elabora. Foram analisadas as capas do caderno Vestibular do *Jornal Zero Hora*, 2006 e 2007. Apresentam a “gestão das mentes desses sujeitos como tecnologia de poder. Considerando a centralidade das mídias nas culturas contemporâneas, novas e significativas tecnologias de poder são mobilizadas, das quais a constituição de públicos se mostra como uma estratégia privilegiada”. “O gerenciamento das mentes dos universitários, a partir de práticas de ações a distância (noopolíticas), não apenas encaminha modos flexíveis de relacionar-se com o conhecimento, como posiciona os sujeitos analisados em uma intensa rede de conexões permanentes” (p. 16).

No trabalho *Entre contar, opinar e convencer: refletindo sobre o discurso da mídia que denuncia e reforça preconceitos*, apresentado por Ferreira (2010), a autora “analisa o texto sobre a estudante brasileira expulsa da universidade por ter comparecido à aula usando uma minissaia, publicada no jornal *El País*, da Espanha. Procura identificar os efeitos de sentidos construídos pelos discursos da mídia espanhola sobre preconceito de gênero no Brasil, particularmente, e também sobre o preconceito de gênero numa perspectiva mais ampla”. Tendo como referência a “análise de discurso francesa e os estudos sobre as estruturas da notícia, proposto por Van Dijk (1990), procura identificar algumas estratégias discursivas utilizadas por um jornal espanhol que acaba conformando efeitos de sentidos sobre o preconceito de gênero no Brasil [...]” (p. 3). A autora aponta que há uma hierarquização no discurso que separa homens e mulheres e confere aos homens o poder de opinar, ainda destaca que a forma de elaborar o discurso reforça a imagem negativa da mulher, nesse caso em particular, da brasileira.

Nestes trabalhos a materialidade do texto possibilita múltiplos significados e nos conduz a pensar que os marcadores discursivos dessas matérias foram lidos como produtores de subjetividade, estas ensinam modos de vida ou criticam modos de vida, tornando-se dispositivos pedagógicos, na perspectiva adotada por Fischer (2007), hierarquizando modos de olhar as questões de gênero e de juventude universitária na contemporaneidade.

Materialidade, Linguagem, e Escola

Zanchetta Jr. (2005, 2007, 2008 e 2010), em seus trabalhos *Gêneros textuais de imprensa na educação brasileira*; *Narrativa escolar e texto midiático: subsídios para a formação de professores*; *Texto midiático e professores da escola básica*; *A leitura de suportes e textos de imprensa na escola*, tem problematizado como são estabelecidas as relações de futuros professores e de professores em sala de aula com as mídias impressas e mais atualmente com todas as mídias. Em seus trabalhos, tem abordado sobre a necessidade de se discutir os gêneros textuais dos jornais, pois estes já estão presentes na escola, seja no livro didático ou em atividades propostas pelos professores. Para o autor, isso é devido ao prestígio dos meios de comunicação, mas também porque atende a uma demanda de “uma proposta de educação formal menos ilustrada e mais próxima da vida cotidiana e do mercado de trabalho e, ainda, por conter estruturas linguísticas e temas mais facilmente dialogáveis com o leitor iniciante, esses textos tornaram-se modelo de registro culto da língua materna, em substituição ao texto literário”. (ZANCHETTA JR., 2007, p. 12) Em suas pesquisas, nos indica que há mais semelhanças do que diferenças entre a escola e a mídia, um dos aspectos apontado como semelhança é o uso de narrativas, para o autor “em termos de jornal impresso, o exercício narrativo é mais sutil: o farto uso de fotografias (elas contam histórias); o sensacionalismo (que varia dependendo do veículo ou perfil da notícia); os infográficos, que recuperam, passo a passo, a história de um determinado fato ou processo, colocando-o na linha cronológica; a pesquisa permanente de mercado, que ajuda a definir a pauta dos jornais em função da receptividade de seus textos pelo potencial público leitor”. (ZANCHETTA JR., 2008, p. 10). Para o autor, os gêneros da imprensa devem estar na escola e serem problematizados, pois acredita que valorizar o traço narrativo que organiza o conhecimento escolar e a manutenção desse discurso “territorializado” e onipresente, lento e linear, próprio da escola, pode servir menos ao anacronismo e à apresentação edulcorada do mundo, e mais para preservar e reconstituir a identidade do discurso escolar, sobretudo para que ele possa ombrear com o macrodiscurso monopolista e cada vez mais uniforme dos meios de comunicação”. (ZANCHETTA JR., 2008, p. 12). Na sequência de seus estudos, Zanchetta Jr. (2010) realizou levantamento junto a professores do oeste paulista, na busca por elaborar argumentos que apoiassem sua perspectiva de formação inicial e continuada de professores que se fundamenta na necessidade de se problematizar os gêneros jornalísticos na escola. A partir desse levantamento considera que para os professores

os conteúdos midiáticos servem ao currículo regular, como pretexto, ilustração, exemplificação, estímulo à curiosidade do aluno para o trabalho convencional. [...] O exercício escolar recai sobre características textuais de gêneros específicos ou então

sobre dados que podem servir a essa ou àquela noção conteudística formal. Finalmente, os professores estão sensibilizados quanto aos meios e mensagens midiáticas, porém, suas experiências pessoais com os meios e suas práticas pedagógicas seguem caminhos distintos. A experiência pessoal é fluida, não escolarizada, afirmativa (e pouco indagativa) (p. 13).

As relações escola-mídia são viabilizadas não somente porque a escola busca a mídia, mas também a mídia busca a escola, por meio de programas de incentivo à leitura de jornais, com objetivos de discutir a especificidade do gênero jornalístico e assim indicar situações didáticas possíveis com jornais, como forma de atrair futuros leitores e consumidores de jornais. Nessa perspectiva é que o trabalho *Avaliação de programas de uso de jornal em sala de aula oferecidos aos professores por empresas jornalísticas*, de Paroli e Almeida Junior (2006), nos aponta questões sobre as relações escola e mídia. Um questionário respondido por coordenadores de 11 desses programas, dos 50 programas existentes foi o instrumento utilizado para levantar os objetivos do jornal ao promover o programa de leitura. Um dos aspectos mais relevantes a destacar, obtido no levantamento, é que “a crítica à própria mídia, essencial para uma leitura crítica, que instiga a pesquisa e a procura de outros meios, de outras fontes de informação, não aparece de forma satisfatória nos objetivos dos programas. Além desse aspecto, vale citar que as empresas jornalísticas realizam oficinas com os professores. Nesse sentido, contribuem para sanar uma lacuna na formação dos professores, no que se refere ao uso das mídias impressas em sala de aula. (PAROLI; ALMEIDA JUNIOR, 2006, p. 14).

Outro trabalho que avalia o programa de incentivo à leitura de jornais é o de Zanvettor (2007), este “a partir da análise de alguns textos do programa” *Quem lê jornal sabe mais*, do jornal *O Globo*, reflete sobre os sentidos que emergem dos enunciados apresentados pelo programa e, a partir desses sentidos, relacioná-los a sentidos outro” (p. 2). O referencial teórico metodológico é a análise de discurso francesa e autora partindo da “materialidade discursiva pode identificar que o papel do programa na escola está recorrentemente relacionado com uma função modernizadora, organizadora dos sentidos sociais do jornal. Esta relação no discurso aproxima o programa do próprio sentido dado ao jornalismo e aos meios de comunicação de massa. Por outro lado, os sentidos da educação também aparecem como constitutivos do discurso do *Quem lê jornal sabe mais*. Valorizando o papel educativo de perpetuação da cultura e usando mecanismos de transposição didática, o programa procura inserir e legitimar seu conteúdo como sendo parte do próprio conteúdo oficial da educação” (p. 14). Essa consideração corrobora com as realizadas por Zanchetta Jr. em seus trabalhos, no sentido da escolarização das mídias, pois “ao se dirigir à escola,

assume discursos próprios desta instituição, o discurso educativo, e é a partir disso que procura se legitimar”. (ZANVETOR, 2007, p. 14).

Uma das contribuições desse conjunto de textos é apontar que o discurso jornalístico se insere na cultura escolar e busca produzir discursos que atendam à demanda da escola e tenta deslocar-se de sua formação discursiva, mas consideramos que isso somente significa uma tática de persuasão, ao considerar o discurso do outro, o faz para substituir esse discurso, provendo um processo de aculturação. No entanto, o que os trabalhos nos mostram é que existe um movimento que acaba derrotando essa tática que é a escolarização do discurso midiático, para isso não ocorrer e os estudantes terem acesso a outros discursos é preciso escolher, como nos diz Fischer (2007), outros produtos culturais que tenham uma proposta de texto inacabado, possibilitando ações pedagógicas mais criativas.

PAPEL REVISTA

Materialidade e Linguagem

Em *Indícios de uma retórica: o suporte, a base material e o texto de três revistas mineiras de educação dirigidas a professores*, trabalho de Frade (1998), está problematizada a estrutura discursiva das revistas cujo tema é a educação, voltadas para professores. A perspectiva teórica adotada é da sociologia da leitura e como exercício de análise, a autora destaca elementos da superfície linguística dos editoriais de janeiro de 1997 dos três periódicos, a serem explorados a partir de três pontos de vista: o da função, o do formato e posição e o da organização e estratégias discursivas. Como considerações, a autora nos diz que

é necessário que sejam abordadas produções contemporâneas, sobretudo as comerciais, não apenas do ponto de vista de temas educacionais tratados, mas também como indicativas de propostas de construção de discursos a serem lidos e de leitores a serem construídos, a partir de sociologia da leitura dos cruzamentos que esta estabelece com a educação. (p. 14).

Rocha (2007), em seu trabalho *As “novas” tecnologias em nossas vidas e nas escolas: uma análise sobre a produtividade dos discursos veiculados na Veja e Istoé*, de 1998 a 2002, analisa “a produtividade (quantidade e qualidade) dos discursos veiculados em duas revistas semanais de circulação nacional, sobre a introdução e/ou incorporação das “novas” tecnologias em nossas vidas e, em particular, nas escolas” (p. 5). Para realizar o que foi proposto, utilizou os operadores discursivos da mídia impressa e suas quatro regras de funcionamento, e “que as revistas – assim como os demais produtos midiáticos – são artefatos culturais e pedagógicos que englobam a

produção e a circulação de saberes, onde jogos de poder estabelecem determinados modos de ser e viver” (p. 5). Como conclusão, a autora nos informa que nos textos das revistas pesquisadas,

as novas tecnologias facilitam a vida, dão autonomia, ensinam, divertem, ajudam, nos fazem crescer, nos obrigam a pensar, permitem de tudo (brincadeiras, prazeres, sedução em casa, na rua, na escola, no trabalho) e criam novas regras de convivência. As estratégias utilizadas, nestas revistas e em relação a esta temática, apontam para uma lógica de saturação através de uma positiva repetição: o tema central – das novas tecnologias, [...] em diferentes seções e por meio de textos curtos. A leitura destas reportagens, desta forma, se torna leve e quase não se percebe que estamos sendo bombardeados por uma quantidade de informações que enfatizam os mesmos aspectos: ressaltar a introdução, a manutenção e a importância das novas tecnologias em nossas vidas (p. 14).

Para nós, as táticas de fabricação do discurso, apoiadas nos deslocamentos das materiais no espaço gráfico da revista e no deslocamento no tempo, bem como nos textos curtos e fragmentados nos afastam da possibilidade de estabelecer processos de intertextualidade e assim ancorar em conhecimentos outros e estabelecer críticas. Essa configuração impossibilita leituras polissêmicas apoiadas em interdiscursos e limita a produção de sentidos a partir das informações veiculadas pelas revistas e isso parece ser as táticas discursivas do gênero revista.

Materialidade, Linguagem e Representações

A concepção de ciência expressa nos discursos constitutivos de uma revista de divulgação científica é o objeto de investigação do trabalho de Pechula (2004), *A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social?* A partir da análise das matérias publicadas na revista *Superinteressante*, a autora nos informa que

as matérias discorrem a informação de forma genérica e homogeneizada. Dificilmente abrem para a polêmica e discussão teórica acerca das divergências e contradições. A informação, geralmente, está impregnada de conceitos, termos (palavras) e fotografias impactantes, que remetem a uma visão espetacularizada, às vezes até ‘encantada’, que geram o imaginário de crença no conhecimento científico [...]. (p. 15).

O que se faz necessário destacar é que nas revistas de divulgação científica, discursos sobre a ciência seguem a superestrutura do texto jornalístico, desenvolvida por Van Dijk (1990), que contém *sumário*, onde se agrupam o título e a abertura (*lead*) que, com o apoio do antetítulo, do subtítulo, das fotos e legendas, resumem o tópico principal da notícia e o *relato jornalístico*, que se desdobra em *episódio e comentários*, ou seja, os fatos reportados e sua interpretação. O texto jornalístico, então, é de natureza expositiva, apresenta em níveis diferentes de profundidade o

conteúdo da matéria e a ordem dos fatos atende um critério de relevância, o que é considerado mais importante é exposto em primeiro lugar. Essa ordem não é a ordem pensada pela ciência, assim há um embate entre os discursos materializados em linguagens e em gêneros distintos, o do discurso científico e o da ciência e esse trabalho apresentado explora essa divergência entre esses discursos.

Materialidade, Linguagem e Sujeitos

Vorraber (1998) em seu trabalho *A revista Nova Escola e a constituição da identidade feminina do magistério* apresenta sua análise acerca do discurso sobre a docência, expresso pela revista *Nova Escola* – Editora Abril, nos aponta que “os recursos discursivos que utiliza como um regime de verdade produz uma narrativa sobre o trabalho docente, narrativa esta que reforça e naturaliza a conexão entre a docência e o feminino” (p. 12), problematiza as questões de gênero tendo como referência Guacira Louro e Rosa Fischer nos processos de subjetivação, destaca como os elementos discursivos materializados na revista falam sobre outro e tentam construir esse outro, dando a palavra a ele, mas exercendo controle sobre o discurso produzido pelo outro, nesse caso a professora.

Desta forma, os discursos tentam produzir identidades acerca de si e representações acerca do outro por meio de marcadores textuais.

Materialidade, Linguagem e Escola

O tema divulgação científica em revistas e suas relações com o ensino formal das escolas é tema de dois trabalhos, *As revistas de divulgação científica e a transmissão do conhecimento: uma discussão sobre o ensino informal de Ciências* de Oliveira (1994) e *Revista científica e aprendizagem lúdica em sala de aula* de Gouvêa, Pereira e Leal (1996). Nos dois textos são abordadas as possibilidades das revistas serem dispositivos pedagógicos e como contribuem na formação de concepções de ciências dos leitores e ainda a importância da escola em suas práticas de leitura propiciar acesso aos estudantes a outros tipos de leitura no sentido de ampliação de sua cultura e modos de olhar o mundo.

Nesta perspectiva, estes trabalhos destacam a relevância dos estudantes se relacionarem com outros padrões discursivos.

Materialidade, linguagem, informação, educação

Breda, Prates e Fecchio realizaram um levantamento que objetivou uma análise da comunicação científica sobre ciência da informação em periódicos indexados em bases internacionais, em seu relacionamento com a área educacional, com vistas a determinar as tendências temáticas e as preocupações de estudos científicos neste âmbito, que foi apresentado em

2003 no trabalho *Presença temática da educação na comunicação científica indexada em bases de dados internacionais*. Segundo os autores foram os termos iniciais de busca: *educação, ensino, universidade, pedagogia, avaliação, currículo, professor, educador, aluno, universidade, mestrado, doutorado, didática, disciplina, e especialização*. Os artigos selecionados foram agrupados por palavras representativas do conteúdo, resultando em oito os descritores estabelecidos: *currículo/planejamento, interdisciplinaridade, comunicação científica, práticas escolares, educação continuada, educadores, orientação de usuários e formação profissional*. Como resultado do levantamento, os autores destacam:

a temática predominante identificada como *currículo e planejamento*, representa a preocupação dos pesquisadores em subsidiar o papel da academia enquanto *locus* privilegiado de formação e aperfeiçoamento profissional; o segundo descritor com maior incidência, *práticas escolares*, revela a preocupação de pesquisadores com práticas exercidas por docentes e discentes na mediação de conhecimento e conteúdos; destaca-se a presença do profissional educador e da interdisciplinaridade como temática constante em todos os artigos, reafirmando-se a posição de educador do profissional da informação, já que mediador entre conhecimento e pessoas [...]. (p. 13).

O que se percebe desses resultados são as relações interdiscursivas estabelecidas entre a ciência da informação e a educação, duas formações discursivas com normas específicas de funcionamento, mas que têm em comum a função de serem mediadores entre os sujeitos e a informação.

PAPEL LIVRO

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores [...]. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77).

Materialidade, linguagem e representações

Como as professoras estão representadas nos livros de literatura infantil? A busca por responder a essa pergunta orientou a pesquisa de Silveira (1998) que resultou no trabalho *Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida: representações da professora na literatura*

infantil. Em uma perspectiva pós-estruturalista, a autora entende a representação de grupos e sujeitos, como “formas culturais de referir, mostrar ou nomear um grupo ou um sujeito”. (LOURO, 1997, p. 98). Os “três campos utilizados para a análise – a harmoniosa escola inicial com a professora ajustada, o mau humor e a irritação da professora, a nova professora do discurso pedagógico – evidentemente não esgotam o potencial de análise do conjunto de trinta obras que esquadrimos, mas constituíram as suas facetas mais evidentes” (p. 14). A autora nos remete a outras representações, da escola, da diretora e outra professora em “sua faceta historicamente tão apagada, de mulher sexuada. Não por acaso, os livros 1 e 10, que abordam duas paixões de alunos por professoras, referem, ambos, às ‘roupas justas’, os ‘seios fartos’ ou o ‘jeans apertadíssimo’ das atraentes mestras” (p. 14).

Percebe-se, nesse texto, as possibilidades de representação das professoras e seus sentidos hegemônicos e contra-hegêmicos, este último nem sempre explorado, mas que aparece, indicando que se pode romper por meio de escolhas com sentido hegemônico

Materialidade, Linguagem e Escola

Em seu trabalho *As tecnologias digitais da informação e comunicação em livros didáticos de língua portuguesa*, Caiado (2010) apresenta os resultados do levantamento realizado nas coleções de livros de língua portuguesa, aprovadas pelo PNLD 2005 e 2008. Como perspectiva de análise, a autora elege a análise temática categorial (BARDIN, 1979) e os resultados indicam que, na maioria dos casos, as atividades que os alunos eram convidados a realizar sobre o material textual relacionado às TDIC correspondiam a tarefas convencionais de compreensão de texto e produção de gêneros, que não privilegiavam as propriedades dos gêneros do discurso digital – e-gêneros, nos dois conjuntos de coleções.

Constatamos a inserção, ainda pouco frequente, nos LDP aprovados no PNLD 2008 das categorias: Produção de e-gêneros e Linguagem Digital; ainda que com percentuais pouco expressivos, esses dados revelam uma preocupação por parte de alguns autores de manuais com as situações comunicativas cotidianas, com as atividades comunicativas do dia a dia, face às novas formas discursivas que emergem no meio digital. Mas, não podemos deixar de registrar, a baixa frequência das atividades que envolvem a categoria ‘linguagem digital’, que significaria o trabalho com a variação linguística no LDP. (CAIADO, 2010, p. 11).

Os trabalhos sobre livros, mesmo em número reduzido, nos apontam para a diversidade de gêneros discursivos impressos nessa mídia e os caminhos para se tornarem documentos para análises diferenciadas, bem como possibilitam processos de intertextualidade e deslocamentos entre

formações discursivas, gêneros textuais e linguagens, movimento que precisa estar presente nas práticas cotidianas escolares.

PRODUÇÃO DE SENTIDOS – LEITURAS

A leitura não é simples decodificação de sinais, não depende somente da capacidade do leitor de decifrá-los, e sim de dar significados a eles, compreendê-los. Significados construídos a partir de sua história de vida, referendados ou não por uma leitura autorizada, caracterizando suas condições de acesso à leitura e suas condições de produção de sentidos.

A mídia impressa é a materialização da articulação entre texto verbal escrito e texto imagético, e indica um circuito para essa materialização. No entanto, o leitor pode burlar os mecanismos de controle contidos nesse circuito, pensados pelos idealizadores, e construir vários hipertextos, isto significa construir múltiplas temporalidades, múltiplas sequências e ter para si diferentes objetos culturais, compartilhado no momento da leitura com outro leitor ou posteriormente, em outro momento. Dessa maneira, poderíamos dizer que o leitor navega pela mídia, similarmente como navega na rede, utilizando o tempo finito de leitura da forma que julgar melhor. O leitor pode passar rapidamente ao longo de toda a mídia, contraindo o tempo de leitura. Ou se deter, longamente, contemplando uma determinada parte. Como se vê, há muitas formas de realizar a navegação.

Para Manguel (1997) ao ler jornal, a leitura do texto e das imagens converge. Passeia-se pelas notícias e seções e quase involuntariamente realiza-se apreensão dos anúncios, tratado por ele como narrativas em molduras. Em revistas, podem-se realizar leituras em níveis diferenciados, da mesma forma que o jornal. Primeiro leem-se as manchetes, depois as aberturas de matérias, as legendas e por fim o texto completo. Algumas vezes as imagens são sínteses do que vai ser discorrido.

PAPEL JORNAL

Nos inspirando em Dias (2007), pensamos

o jornal como objeto de nossa cultura material, fragmentado, composto por unidades que se fecham em si – cadernos, é diário, feito de papel jornal, é descartável, é reciclado, é efêmero, se contradiz. No entanto, é documento, fonte de informação, é objeto da cultura material da modernidade e com ela se modifica.

Produção de sentidos e juventude

Lückman (2007) apresenta os resultados sobre um estudo de recepção com foco específico no noticiário sobre meio ambiente em seu trabalho *Educação, jornalismo e meio ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global* e estudou as maneiras pelas quais os leitores interpretam, ressignificam e se apropriam dos sentidos das mensagens transmitidas pelo discurso da mídia, identificando possíveis aspectos educativos nesse processo. Para tal, realizou oficinas de leituras de textos com reportagens sobre meio ambiente com estudantes de jornalismo e pedagogia e aplicou um questionário junto a estudantes universitários para levantar as suas maiores preocupações em relação ao meio ambiente. A autora nos aponta que “na fala dos jovens que participaram de nossa pesquisa muitos elementos que sugerem mais a consciência mágica – aquela que capta os fatos e lhes empresta um poder superior, resultando numa imobilidade, numa impossibilidade de fazer algo diante do poder dos fatos” (FREIRE, 1976, p. 106) – do que a consciência. No entanto para autora,

embora de maneira geral se atribua aos jovens de hoje uma imagem consumista, individualista e com pouco interesse político, percebemos nos estudantes que participaram de nossa pesquisa características opostas a essa imagem geral. Estimulados a refletir sobre os textos jornalísticos que apresentamos, eles demonstraram familiaridade com os temas apresentados e domínio sobre esses mesmos temas [...]. Manifestam de forma muito marcante a sensação de impotência num conflito com o reconhecimento de que não tomam atitudes porque supõem que isso não faria diferença nenhuma. (p. 14).

Schmidt e Sucker (2009) em seu artigo *A mídia ensina o verniz da tolerância jovem* discutem as relações entre educação, mídia e juventude, gênero e sexualidade, problematizando depoimentos proferidos por jovens acadêmicos(as) em relação às práticas sexuais e de gênero não hegemônicas veiculadas pela mídia. Com base nos estudos de Zigmunt Bauman discutem as relações entre a expressão tolerância e um conceito de juventude. Para as autoras,

comumente na mídia o jovem é apontado tanto como fonte de inúmeros problemas sociais como, paradoxalmente, ele é também apontado como fonte para a solução das dificuldades que o país enfrenta. Talvez seja possível buscar um olhar de estranhamento para a forma como a mídia tem tratado a construção de pautas sobre como deveria ser o jovem do nosso tempo. Poderíamos dizer que os ditos jovens a frente do seu tempo, ‘cabeça aberta’, multimídia, antenados, como não poderia ser diferente, consideram-se menos preconceituosos e mais tolerantes do que as gerações que os antecederam. (p. 11).

Ao olharmos para suportes teóricos tão diferentes para olhar a juventude por meio dos discursos elaborados por jovens poderíamos supor resultados muito diversos, mas o que observamos é que a forma de pensar a juventude é a mesma, atenta, informada, mas pessimista em relação às suas possibilidades de intervenção social, a não ser nos aspectos individuais.

Produção de sentidos e a educação

Como está sendo feita a cobertura das questões educacionais e das reformas educativas em Portugal? É a pergunta que Freitas (2007) busca responder em seu trabalho *Mídia e educação: campos em conflito em Portugal*. E para responder, o autor realiza entrevistas que denomina do gênero jornalístico informativo entrevista, busca perceber junto a um conjunto de protagonistas autorizados –, composto por jornalistas e articulistas, e ainda damos vez e voz aos acadêmicos e investigadores das ciências da educação que têm a educação como objeto de estudo. Este trabalho traz os relatos e os posicionamentos dos principais protagonistas desses campos – acadêmicos, jornalistas e investigadores de ambas as áreas, sobre a cobertura da mídia e as consequentes representações sociais e sentidos produzidos, tendo como foco as reformas educativas iniciadas em Portugal com a promulgação da Lei 46/86, de 14 de outubro. O autor traça considerações que destacam a crítica pela imprensa da teoria construtivista adotada que mina os resultados das escolas, por outro lado os educadores se manifestam contrários à classificação das escolas e defendem a democratização da escola promovida pela lei. “Em razão desse embate, os educadores argumentam que a informação jornalística é quase sempre de mão única, pois a imprensa não dá o mesmo espaço e destaque para o contraditório” (p. 14).

As considerações resultantes desse artigo corroboram com os de outros artigos que abordam a estrutura do texto jornalístico que prioriza como relevante o acontecimento, nesse caso a qualificação das escolas, e não o contraditório, nesse artigo os processos de democratização da escola básica portuguesa.

PAPEL REVISTA

Inspirando-nos, novamente, em Dias (2007), pensamos as revistas como

feitas com menos pressa, para guardar, colecionar, para reler, com muitas imagens coloridas, para recortar, sejam as científicas, as de variedades, as de história em quadrinhos, as de celebridades, mas de papel bom, muitas vezes acetinado, expressão de uma época, também documentos.

Produção de sentidos e juventude

O corpus de análise da pesquisa *Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem: quando “ter atitude” é ser diferente para ser igual*, realizada por Schmidt (2008), foi composto por materiais extraídos da *Revista MTV* (especialmente, editoriais e campanhas publicitárias) e das discussões desenvolvidas junto a dois grupos de acadêmicos de um curso de Comunicação Social sobre o que significa “ter atitude”; os estudos de Zygmunt Bauman são as referências quando a autora analisa e descreve a relação entre a cultura jovem, identidade e globalização. A autora considera que os anúncios da *MTV*, convocando os jovens para terem atitude não estimulam somente o consumo de produtos, mas o jovem se torna um produto, uma mercadoria, não é mais possível separar identidade e consumo.

Nesse contexto, ter atitude significa uma espécie de singularidade que pretende tirar o sujeito do geral e trazê-lo para o particular, a partir de suas características, comportamentos, hábitos, modos de vestir. Esse apelo ao individualismo vem acompanhado da ideia de autenticidade, de singularidade, autoestima características fundamentais para juventude contemporânea (...). (p. 13).

A revista como documento de uma época emerge das considerações da autora desse trabalho acerca da juventude contemporânea, guardar as revistas significa preservar as múltiplas visões possíveis de uma época, a materialidade textual da revista se constitui nos elementos da história significados por nós ao lê-las.

PAPEL QUADRINHOS

Inúmeras são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. (BARTHES, 1973, p. 18).

Produção de sentidos e juventude

Elaborar reflexões sobre as questões da narrativa no contexto da contemporaneidade a partir de depoimentos de alguns jovens leitores de mangá, revista em quadrinhos japonesa é o objetivo de Hoffman (2006), em seu trabalho *O jovem e o consumo do mangá: reflexões sobre narrativa e*

contemporaneidade. Tendo como ponto de partida para a análise os depoimentos dos jovens entrevistados buscou perceber os sentidos que eles produzem nessa relação com o mangá. Apoiada nos estudos culturais latino-americanos e na problematização das narrativas por meio de Walter Benjamin e Silviano Santiago, Hoffman considera que: “A relação dos jovens com o mangá, trazida aqui nos diferentes depoimentos, aponta que o consumo do mangá, como nos diz Canclini (1999)”, serve para pensar

já que os jovens não apresentam, na relação com estas histórias, somente um aspecto reprodutor, passageiro, consumista [...]. O mangá fica para eles pela experiência, pela bagagem que passa, pelo que faz eles pensarem sobre a sua vida e seus valores. Traz de alguma forma, então, essa dimensão do conselho fazendo uma espécie de convite para que os leitores ‘olhem junto’ com os personagens e troquem impressões entre si. [...]. E, mais, enquanto leitores e narradores esses jovens recebem e dão conselhos a partir de sua experiência com essa cultura. (p. 15)

As histórias contadas em quadros, mesmo que estes quadros não tenham estrutura linear, constituem-se em narrativas, narrativas contemporâneas que possibilitam novas formas de ler, de dar conselhos, de pensar o tempo que nos levam refletir sobre nosso cotidiano da vida contemporânea, regido pelo mundo mediatizado por diversos aparatos maquínicos, criados na passagem do século XIX para o século XX, no qual o tempo moderno está sendo fragmentado e comprimido. As antigas relações pautadas pelo relógio mecânico estão sendo revistas, e podemos perceber isso nas formas de contratos de trabalho; nos locais de trabalho e diversão; nos horários de trabalho e diversão, nas formas de contarmos histórias e elaborarmos nossas narrativas, inclusive as da histórias em quadrinhos.

CONSIDERAÇÕES

No sentido de realizarmos um movimento que possa juntar os fragmentos que nossa tática discursiva gerou, sentimos necessidade de traçarmos algumas considerações sobre o conjunto de trabalhos sumarizados e comentados neste trabalho.

Em relação à origem, os trabalhos apresentados são oriundos em sua maioria das regiões sul e sudeste, mas de diversas instituições. Sobre os teóricos utilizados, em primeiro lugar, destacamos a diversidade de olhares que dão suporte as investigações realizadas, os estudos culturais, particularmente os estudos culturais latino- americanos, a teoria crítica, os estudos foucaultianos; os pós-estruturalistas; os pós-modernos. Outro aspecto, que se configurou ao longo desses 20 anos, é a apropriação de teóricos brasileiros, como Rosa Fischer, Nelson Pretto, Maria Luiza Belloni;

Guacira Louro. Alfredo de Veiga Neto, Tomas Tadeu; Silviano Santiago, Paulo Freire, para nós isto significa uma presença destes teóricos na formação de pesquisadores e consolidação do campo Educação e Comunicação.

As pesquisas de intervenção em sala de aula são poucas. Em sua maioria, as investigações têm como objeto a materialidade discursiva, algumas se voltam para os discurso produzidos por sujeitos em suas relações coma mídia impressa, outros para a própria materialidade discursiva da mídia e analisam os discursos; os procedimentos analíticos são diversos, mas muitos se apoiam na análise de conteúdo, análise de discurso francesa e inglesa.

Os estudos estão fortemente voltados para a análise do texto verbal escrito, e mesmo os que têm como objeto a fotografia problematizam a leitura destas sem recorrer à especificidade da linguagem fotográfica, nesse sentido há uma priorização do texto verbal escrito, e precisamos destacar que as mídias impressas contemporâneas cada vez mais recorrem as imagens para a produção de seus discursos e precisam compor o conjunto de dados estudado.

Outros aspectos suscitam comentários em relação aos temas abordados: há uma forte presença de estudos que envolvem a juventude em suas produções de identidade e representações acerca da própria juventude; as políticas públicas que envolvam a relação escola-mídia não estão presentes; a concentração da geração de informação nas mãos de poucas empresas seja no Brasil ou no exterior, também, não está abordada.

Dentre os trabalhos, independentemente do grupo ao qual foi por mim filiado, os que falam sobre juventude (5) nos mostram os sentidos produzidos acerca da juventude contemporânea, consideram a juventude, informada, atenta, descrente, centrada nas soluções individuais como empresários de si, mas se pronunciam sobre o mundo pelas e com as redes sociais.

Os trabalhos que versam sobre a escola em suas relações com a mídia nos apontam para a escolarização da mídia quando ela entra na escola, e de sua resistência a trabalhar com diferentes estruturas discursivas que não as consagradas. O que quero destacar é que as relações espaço temporais da escola e das produções das mídias são distintas, há uma impossibilidade epistemológica e social colocada para a escola quando ela tenta se apropriar das mídias, pois é impossível se apropriar das relações espaço-temporais das mídias, os discursos são produzidos em contextos sociais distintos. Mesmo quando um objeto representante da cultura material da escola, como o livro didático, repensa as suas formas de apresentação (GOUVÊA; OLIVEIRA, 2010), tornando-se graficamente quase uma revista, estão presentes os marcadores do discurso escolar,

como a ordenação dos conteúdos, entre outros. Talvez fosse necessário repensar a escola em suas relações espaço-temporais, mas será que no sentido de reproduzir as mídias?

Neste momento, gostaria de dar voz às minhas reflexões e inquietações suscitadas pela minha leitura do conjunto dos trabalhos apresentados acerca das mídias impressas em suas relações com a educação. Mesmo que nosso objeto seja o que tem mais histórias para contar, com a convergência técnica das mídias torna-se impossível isolar esses objetos culturais e assim há um movimento de hibridização, que já estava presente na história das mídias, as novas surgem de outras mais antigas, depois de um tempo constituem as suas linguagens, mas em um momento seguinte se modificam novamente, surgem novas formas de hibridização.

Neste estudo, o foco está nas mídias impressas, assim está na relação texto verbal escrito e texto imagético constitutivo dessas mídias e como as formas de interações da humanidade com os textos dependem, desde a pré-história até nossos dias do desenvolvimento das técnicas de produção, reprodução, armazenamento, transmissão e recepção destes, é importante que abordemos as tecnologias relacionadas a essas técnicas.

Ao longo da história da humanidade, as tecnologias de informação e comunicação, constitutivas dos sujeitos contemporâneos, possibilitaram condições para (re)organização das nossas relações sociais no tempo e no espaço, (re)definindo esses próprios conceitos. As formas de olharmos as relações sujeito e objeto, emissor e receptor, autor e leitor, professor e aluno, entre outras, foram modificando-se, transformando-se, colocando-nos indagações frente a práticas sociais como comunicar e educar.

As tecnologias de informação e comunicação estão fortemente associadas à concepção de sociedade que definem políticas de desenvolvimento, gerando aparatos técnicos que possibilitam a transmissão ou reprodução e a recepção de atos de fala, de escrita, de gestos, de imagens, criando infinitos textos.

Assim, desde a criação da imprensa e de outras formas de reprodução (fotografia, filme, vídeo, entre outros) e meios de transmissão (telégrafo, telefone, antenas, televisão, rádio e a rede mundial) as relações de uso pelos seres humanos desses aparatos técnicos criam novas formas sociais de convívio, de entretenimento, de trabalho, de estudo que possibilitam a elaboração de novos conceitos e a releitura de outros, como: técnica, educação a distância; educação, cultura, cultura de massa; mídia; subjetividade; receptor; emissor; intencionalidade; autor; leitor, texto; linguagem; leitura; virtual; inteligência coletiva, cooperação, colaboração, interatividade, entre muitos outros que poderíamos citar, objetos de estudo da comunicação e educação.

Vivemos em uma sociedade planetária em que as informações, referenciadas por imagens, circulam rapidamente. As distâncias se encurtam, o universo se amplia, faz-se necessário repensar a noção de espaço-tempo, o que significa, por sua vez, repensar as relações sociais.

Para Silverstone (2002), as mídias jogam um papel fundamental nos sentidos produzidos em nossa vida diária, produzindo e mantendo o senso comum, para este autor elas selecionam e hierarquizam as realidades cotidianas. E esses indivíduos estão cada vez mais submetidos a uma cultura homogeneizadora característica da sociedade de consumo.

Na mesma perspectiva, Zuin (2010, p. 1), tendo como referência Castells (2007), nos

afirma que as vidas das pessoas estão sendo moldadas pelas forças das sociedades em rede, sob o impacto da globalização nas identidades, [...], ainda para esse autor essas novas relações sociais produzem novas desigualdades, no entanto, uma das contradições marcantes é a de que, ao mesmo tempo em que as forças impactantes caminham no sentido do reforço do poder e controle social, elas podem permitir dimensões democráticas, na medida em que as novas tecnologias de mídia, distribuídas com acesso livre e diversificadas, permitem mais fluidez e maior participação social. (p. 1).

As práticas educativas em diferentes espaços sociais sempre integraram, em suas formas de realização, os artefatos técnicos (BELLONI, 2001) que o engenho e o trabalho humano vão criando. Atualmente, circulam informações disseminadas por meio de diferentes tecnologias da comunicação e que chegam as escolas, mesmo que não percebidas por nós professores (PFROMM NETTO, 2001). Estes artefatos não são só constitutivos de materiais didáticos ou transformados em recursos didáticos, mas estão nas diferentes formas de comunicação dos autores e atores da escola (KENSKI, 2001).

Para Fischer (2007, p. 15) ao estudarmos a mídia como um dispositivo pedagógico, sempre “estaremos de alguma forma tratando de objetos, tecnologias e saberes históricos, imersos em relações de poder, produtores de subjetividades”. Nessa perspectiva é que temos que conduzir as pesquisas sobre as mídias, sejam novas ou velhas, como as mídias impressas, objeto dessas nossas reflexões.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, P. E. A retórica e a neutralidade na elaboração da mensagem nos meios de comunicação de massa. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 18. Atas... Caxambu, 1995.
- ALVES. (Org.). *Anped 25 anos*. Rio de Janeiro: Anped, 2001. (CD ROM Comemorativo).
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Persona; Martins Fontes, 1979.
- BARTHES, Roland. *Análise estrutural da narrativa*. São Paulo: Vozes, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996b. (Clássicos 4).
- BUFREM, L. S.; BREDAS, S. M.; PRATES, Y.; FECCHIO, S. M. Presença temática da educação na comunicação científica indexada em bases de dados internacionais. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 26. Atas... Caxambu, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.
- CAIADO, R. V. R. As tecnologias digitais da informação e comunicação em livros didáticos de língua portuguesa. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33. Atas... Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt16>>. Acesso em: 29 mai. 2012.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999. (Coleção Prismas).
- COSTA, B. C. G. da. Jornalismo: controle de informação, conceito da notícia e a fetichização dos fatos. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 17. Atas... Caxambu, 1994.
- COSTA, M. V. A revista nova escola e a constituição da identidade feminina do magistério. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 21. Atas... Caxambu, 1998.
- CUCHE, D. A. *Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 2. ed. Bauru: Edusc, 2002.
- DIAS, S. O. Terra de papel: amnésias de organicidade. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30. Atas... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.
- FERREIRA, K. Z. Entre contar, opinar e convencer: refletindo sobre o discurso da mídia que denuncia e reforça preconceitos. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33. Atas... Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt16>>. Acesso em: 29 mai. 2012.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, p. 290-299, 2007.
- FOUCAULT, M. A. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- FRADE, I. C. A. da S. Índícios de uma retórica: o suporte, a base material e o texto de três revistas mineiras de educação dirigidas a professores. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 21. Atas... Caxambu, 1998.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora, 1986. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo, 4).
- FREITAS, A. F. R. Mídia e educação: campos em conflito em Portugal. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30. Atas... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.
- RESENDE, F.; FELISMINDA, M. O GT Educação e Comunicação aos cinco anos na Anped. Rio de Janeiro: Arquivos Anped, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. *A concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GOUVÊA, G.; OLIVEIRA, C. I. C. Memória e Representação: imagens nos livros didáticos de física. *Ciências & Cognição*, UFRJ, v. 15, p. 1-15, 2010.

_____; PEREIRA, J. P.; LEAL, M. C. Revista científica e aprendizagem lúdica em sala de aula. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 19. Atas... Caxambu, 1996.

HOFFMAN, A. O jovem e o consumo do mangá: reflexões sobre narrativa e contemporaneidade. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29. Atas... Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

KENSKI, Vani M. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. Campinas: Papirus, 2004.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÜCKMAN, A. P. Educação, jornalismo e meio ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30. Atas... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, R. J. As revistas de divulgação científica e a transmissão do conhecimento: uma discussão sobre o ensino informal de Ciências. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 21. Atas... Caxambu, 1994.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. Campinas: Cortez Editora, 1988. (Coleção Passando a Limpo).

PAROLI, R. M; ALMEIDA JUNIOR, J. B. Avaliação de programas de uso de jornal em sala de aula oferecidos aos professores por empresas jornalísticas. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 20. Atas... Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/inicio.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

PECHULA, M. P. A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social? REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27. Atas... Caxambu, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp1.htm#gt16>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

PFROMM NETTO, Samuel. *Telas que ensinam: mídia e aprendizado do cinema ao computador*. Campinas: Editora Alínea, 2001.

PILOTTO, F. M. A fabricação dos ídolos esportivos. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23. Atas... Caxambu, 2000.

PRETTO, Nelson De Luca. Educação, comunicação e informação: uma das tantas histórias. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 17-33, jul./dez. 2009.

ROCHA, C. M. F. AS “novas” tecnologias em nossas vidas e nas escolas: uma análise sobre a produtividade dos discursos veiculados na Veja e Istoé, de 1998 a 2002. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30. Atas... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

SANDRA S. As insustentáveis levezas dos discursos da mídia no Brasil: representações sobre ação afirmativa e universidade (2000-2006). REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32. Atas... Caxambu, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_16.html>. Acesso em: 29 mai. 2012.

SCHMIDT, S. P.; STOCCKER P. C. A mídia ensina o verniz da tolerância jovem. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32. Atas... Caxambu, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_16.html>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem: quando “ter atitude” é ser diferente para ser igual. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31. Atas... Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/trabalho16.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____; SABAT, R. Representações da Docência no Fotojornalismo. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 21. Atas... Caxambu, 1998.

SILVA, R. R. D. Universitários S/A: empreendedorismo e gestão dos talentos nas mídias contemporâneas. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32. Atas... Caxambu, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_16.html>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____.; FABRIS, E.T. H. Como um público: educação, mídias e governamentalidade neoliberal. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33. Atas... Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT16-6466--Int.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

SILVEIRA, R. M. H. Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida: representações da professora na literatura infantil. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 21. Atas... Caxambu, 1998.

SILVERSTONE, Roger. *Porque estudar a Mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

ZANCHETTA JÚNIOR, J. Sobre a leitura de suportes e textos de imprensa na escola. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 33. Atas... Caxambu, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/internas/ver/trabalhos-gt16>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____. Texto midiático e professores da escola básica. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31. Atas... Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/trabalho16.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____. Narrativa escolar e texto midiático: subsídios para a formação de professores. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31. Atas... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

_____. Gêneros textuais de imprensa na educação brasileira. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28. Atas... Caxambu, 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

ZANVETTOR, K. F. As relações discursivas entre educação e jornal. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30. Atas... Caxambu, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

ZUIN, Antônio. O Plano Nacional de Educação e as tecnologias da informação e comunicação. *Educação & Sociedade*, v. 31, p. 961-981, 2010.

VAN DIJK, Teun A. *La Noticia como Discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

RESUMO

O artigo apresenta o estudo acerca dos trabalhos, apresentados nas reuniões anuais da Anped, no GT-16 Educação e Comunicação, no período de 1991 a 2010, e que tinham como objeto de investigação as mídias impressas. O corpus a ser analisado foi constituído pelos os arquivos construídos nestes anos pela Anped. As análises mostram que: há múltiplos olhares teóricos; houve apropriação de teóricos brasileiros; em sua maioria, o objeto é a materialidade discursiva das mídias, e outros se voltam para os discursos produzidos por sujeitos em suas relações com a mídia impressa; os procedimentos analíticos são muitos e alguns se apoiam na análise de conteúdo, análise de discurso francesa ou inglesa.

Palavras-chave: Mídia impressa. Educação e comunicação. Anped.

ABSTRACT

This article presents a study on the papers presented at the Anped annual meetings on the GT-16 Education and Communication which had as its object of investigation the print media in the period between 1991 and 2010. The analyzed material was the Anped's publications. The analyzes show that there are different theoretical perspectives on those works, including brazilian authors as references. The most part of them have as their object the materiality of media discourse. However, some turn to the discourse produced by subjects in their relations with the printed media. In those cases the analytical procedures are diverse, based on content analysis or French or English discourse analysis.

Keywords: Printed media. Education and communication. Anped.